

Hortas Rurbanas: agente folkcomunicação que atua no campo contribui para melhoria do meio ambiente nas grandes cidades¹

Sonia Regina Soares da Cunha²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a horta rurbana a partir do viés teórico e metodológico da teoria Beltraniana da Folkcomunicação. O recorte empírico trabalha sobre exemplos de diferentes práticas de uma agricultura praticada em pequenos espaços urbanos, e busca compreender analiticamente os possíveis impactos econômicos, sociais e ambientais no cotidiano rurbanizado do agente social, individual e coletivamente. O saber popular oral e a experiência prática dos agentes do campo, que conhecem os segredos de cultivar a terra, tanto no campo como na cidade, são a expressão da comunicação ‘folkcomunicação’, de quem vive a vida na periferia e adquire na prática com a natureza o conhecimento necessário para produzir o alimento para a própria subsistência. É a estratégia e o mecanismo do saber popular, vivenciado e comunicado oralmente através do agente folkcomunicação que vive no interior, longe das cidades, sendo apropriado e utilizado no discurso hegemônico da elite urbana, como ferramenta para difusão de políticas públicas em prol da melhoria da qualidade de vida, exercício de cidadania e inclusão social do cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Rurbanização; Horta Rurbana; Inclusão Social; Cidadania.

INTRODUÇÃO

O termo rurbanidade é um anglicismo derivado de “rurban” utilizado pela primeira vez em 1918, pelo professor Charles Josiah Galpin da Universidade de Wisconsin (EUA) no livro “Rural Life” (Vida Rural).

¹ Trabalho apresentado no GT 5: Cidadania e Sustentabilidade Ambiental, Social e Cultural da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade de São Paulo. E-mail: reginacunha@usp.br

Rurbanism. The second school of thinking may be termed rurbanism. As the word *rurban* is formed by blending *rural* into *urban*, so the idea of rurbanism is that, as the rural population of America is an integral part of the nation, so the open country is an element in the clustered town, and the town is a factor of the land, and the civilization, culture, and development of rural people are to be found in conjunction with town and small city, and not apart.

As a school of thought, rurbanism, starting from a basis of existing facts and present relations, proclaims the tendencies of rural life. It finds farm life confronting a contradiction: the farmstead isolated off in the open country is even now related to all types of clustered social life. If it is true, as the ruralist holds, that the farmer is oil and the townsman is water, rurbanism finds them in actual life beaten frequently into an emulsion.

Figura 1: pág. 64 do livro “Rural Life” de Charles Galpin (1918)

No Brasil, a palavra aparece pela primeira vez em 1955, no opúsculo “Sugestões para uma nova política no Brasil: a rurbana”, escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre e publicado pela Secretaria de Educação e Cultura do Recife (PE). Em 1982, Freyre escreve o livro “Rurbanização: o que é?” e explica o neologismo rurbano como um

processo de desenvolvimento socioeconômico que combina, como formas e conteúdos de uma só vivência regional — a do Nordeste, por exemplo ou nacional — a do Brasil como um todo — valores e estilos de vidas rurais e valores e estilos de vida urbanos. (FREYRE, 1982, p. 57).

Para Freyre (1982), o desenvolvimento do Brasil carece da correção do erro sociológico que a política pública havia provocado: explosão urbana *versus* evasão rural. Para isso, o autor insiste que o estilo rurbano, como uma terceira via, poderia combinar o telúrico (força da terra – agricultura) ao técnico (força da máquina – industrial), bem como promover a junção do social, do psicológico e do cultural. O autor escreveu que o conceito rurbanidade remete a um equilíbrio de contrários, uma possível mediação dialética entre aqueles que representavam o setor industrial e o setor agrícola, nas décadas de 1950 e 1960.

Ao tratar da vida na contemporaneidade Freyre (1982) descreve o rurbarano³ como um espaço para ser e estar em equilíbrio com o homem e a natureza, ou seja, a casa no subúrbio (o autor nomeia como neossuburbano) deveria compor a natureza ao redor, com flores no jardim, frutas no pomar, vegetais na horta, e incentivar a solidariedade comunitariamente, bem como o convívio com os pássaros, abelhas e pequenos animais. Em resumo, ao repousar na intimidade do ‘lar doce lar’, o cidadão deveria pensar na preservação do meio-ambiente e da natureza, em benefício da coletividade (social).

Metodologia: além da dicotomia rural/urbano

Seguindo a “Tipologia da Folkcomunicação → Conceitos e termos → Categoria: conjunto de manifestações simbólicas determinadas pela combinação do canal e da audiência”, proposto por MARQUES DE MELO (2005, p. 16-17) o recorte empírico desta investigação se insere na classificação como “Folkcomunicação Cinética – Formato Agremiação” (como um clube, ou mutirão, ou comunidade de agricultores / plantadores/ semeadores rurbaranos). Desta forma, este estudo inclui dados quanti / qualitativos, analisados e avaliados metodologicamente a partir de observação participante e de diferentes fontes bibliográficas e documentais. Como explica o professor Marques de Melo (2005, p. 6), a “Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos de difusão simbólica capazes de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.”

Luiz Beltrão, autor da teoria da Folkcomunicação, propõe que o investigador seja capaz de buscar uma leitura cultural que revele o processo de intermediação e a influência coletiva dos agentes folkcomunicacionais. Ao desenvolver a base investigativa para formular a teoria da Folkcomunicação (no final da década de 1960) o jornalista e pesquisador Luis Beltrão referencia a obra de Gilberto Freyre.

³ Um exemplo prático da agricultura rurbarana, proposto por Freyre, é o Decreto-Lei 358 de 1980, assinado pelo arquiteto Jaime Lerner, na época prefeito de Curitiba (PR). (FREYRE, 1982, Anexo I, p.128). Lerner referenciava os estudos de Freyre para melhoria da vida do homem no campo, através da implantação de Núcleos Agrícolas (100 lotes de cerca de um alqueire cada) denominados Comunidades Rurbaranas (com casas, escola, centro social, comércio, áreas de lazer e recreação) que seriam construídas ao longo de rodovias paranaenses.

Beltrão utiliza a metodologia da observação participante para estudar a vida do homem do campo, identificado na pesquisa como marginalizado. (SCHMIDT, 2004). Assim, a principal perspectiva metodológica deste estudo é a folkcomunicacional que permite ao investigador ouvir os sujeitos da pesquisa como narradores contemporâneos da própria realidade cotidiana individual e coletiva, utilizando os recursos metodológicos de teorias que se fortalecem ao cruzar os limites da transdisciplinaridade científica.

R-Urban, Rurbano: em busca do mito de viver a vida simplesmente

Quem não se considera um Sísifo hoje em dia? Aquele personagem da mitologia grega, condenado a repetir diariamente a tarefa de empurrar uma pedra até o topo da montanha. Principalmente nas grandes cidades é preciso seguir uma rotina ditada pela estrutura política, social, econômica, enfim. Empregado, autônomo, estudante, sem emprego, empreendedorista, qualquer que seja a atividade, certamente as ações cotidianas são reguladas pelas regras do convívio social, familiar, escolar etc. As ‘escapadas’ são um lenitivo para o estresse diário, mas elas também provocam um efeito inverso em virtude do custo financeiro (como por exemplo, ir ao cinema, jantar com amigos, viagem para praia no fim de semana). Talvez por isso, cada vez mais, moradores se dedicam a caminhar nos parques da cidade, ou andar a conversar com animais de estimação, e até aqueles sujeitos (tema deste artigo) que se dedicam a plantar vegetais e legumes no topo dos edifícios comerciais ou nas calçadas das grandes e movimentadas avenidas dos grandes centros urbanos. Além do sentimento de participar coletivamente de um projeto de melhoria ambiental, o agente social também reencontra o ‘eu’ histórico, que vivia da terra em comunhão com os outros, com os animais e a natureza.

Esse sonho de cidadania vivida e vivenciada simplesmente, – poder preparar a própria comida (saúdável e não empacotada com conservantes químicos), ter tempo para desfrutar uma boa refeição com a família e amigos, colaborar positivamente para a comunidade onde se vive, trabalha, estuda, – estava na proposta de rurbanização de

Freyre (1982). E hoje, aparece em projetos de proteção ambiental que buscam a melhoria da qualidade de vida nas cidades, como por exemplo, a recuperação das áreas verdes (plantio de árvores nativas, hortas orgânicas e jardins); aumento da reciclagem de lixo; e drenagem das águas pluviais. Além de redução de custos (sai de cena a figura do atravessador), as hortas rurbanas incentivam a compostagem do lixo orgânico em adubo (húmus), reduzindo a poluição, melhorando a qualidade do ar e do meio ambiente e, por conseguinte, diminuindo os custos dos governos com tratamentos de saúde (problemas respiratórios, p. ex.). Por isso mesmo, grande parte das propostas são feitas pelos governos estaduais e municipais com a colaboração de organizações não governamentais e empresas privadas. Em virtude da dificuldade de transporte provocada pelo tráfico intenso nas grandes rodovias, para cobrir a distância entre os produtores agrícolas no campo (rural) e os supermercados e feiras na área urbana, cresce a oferta de vegetais e frutas cultivados por ‘agricultores rurbanos’, que aproveitam áreas ‘sem uso’ dentro da cidade, como o telhado de um shopping, ou um terreno de uma concessionária de energia elétrica [Ver Tabela 1].

Tabela 1: Lista das Hortas Rurbanas de São Paulo (Capital) Elaboração: Cunha (2017)

Responsável	Nome da Horta	Localização	Objetivo	Encontros
	Horta do Centro Cultural São Paulo	R. Vergueiro, 1000	Aproveitamento do espaço Oficina ambiental	Último domingo do mês
	Telhado Verde (Horta e Compostagem) Shopping Eldorado (desde 2012)	Av.Rebouças, 3970	Implementou oficina de compostagem para os resíduos orgânicos da praça de alimentação. A partir do húmus (composto) construíram uma horta na cobertura do shopping onde plantam verduras e legumes. A produção é distribuída entre os funcionários do shopping. Reduziu a temperatura interna do shopping, baixou o consumo de energia elétrica e a produção de lixo.	
	Horta da FMUSP (desde 2013)	Av. Dr. Arnaldo, 455 (Pinheiros)	500 m ² plantas medicinais, frutas, verduras, flores comestíveis	Quintas após 17 h
	Horta do Ciclista (desde 2012)	Av. Paulista, 2444 (Praça do Ciclista)	cultivar alimentos e conscientizar sobre poluição ambiental	
André Carretta e Carmen Sampaio	Hortão da Casa Verde	R. Caetano Descó, 123	espaço de aprendizado e troca de conhecimentos	
Cláudia Visoni	Hortelões Urbanos		educação nutricional, ambiental e vivência comunitária	1º domingo do mês
	Horta das Corujas	Av. das Corujas (V. Beatriz)	espaço de convívio social e de educação ambiental	
José Vieira e Florisbela Silva	Horta Orgânica da Tia Bela (desde 2013)	Jd. Imperador	Integra ONG Cidades sem Fome Utiliza um terreno cedido pela Eletropaulo	



Figura 2: Horta do CCSP (Foto: Facebook)



Figura 3: Horta do FMUSP (Foto: BlogFMUSP)

Evolução histórica: planto logo existo

Em 2016, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) publicou o livro “Brasil: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI”, organizado por Adma H. de Figueiredo. Alguns dados importantes se destacam para explicar a construção regional e o povoamento da nação brasileira: quinto país do mundo em superfície territorial de mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados; com duas grandes bacias hidrográficas – Amazônica e Prata; e quatro milhões de quilômetros quadrados de plataforma marítima ratificada pela ONU sobre o Direito do Mar. O espaço agrário do Brasil nos últimos quarenta anos passou por um intenso processo de transformação, perdendo a autonomia relativa que possuía e se integrando cada vez mais à esfera econômica, social e cultural/ambiental de uma sociedade e de um território em crescente articulação entre o rural e o urbano.

Ao ampliar o espaço social, cultural e geográfico, o conceito rurbano (FREYRE, 1982) também permite apontar o surgimento de novos conceitos geográficos como território-rede e território-zona ou de uso contínuo (VELTZ, 1999; HAESBAERT, 1999); e assim, ultrapassa a visão reducionista imposta pelo binômio antagônico: cidade (urbano) / campo (rural).

Território-rede exprime o sentido de interação, através da centralidade do urbano sobre o rural, pois trata dos fluxos e conexões do agronegócio na atualidade. O território-zona propõe o sentido de organização, pois revela a utilização da área rural, inclusive as unidades de conservação e as terras indígenas.

A horta rurbana desenvolvida nos grandes centros urbanos, objeto deste estudo investigativo, é diferente em sua estrutura, execução e finalidade da ‘Agricultura Urbana’ descrita no projeto Fome Zero desenvolvido pelo governo federal (2001), que tratava de adequar políticas estruturais (compensatórias), voltadas para as pessoas que vivem nas áreas rurais, com o objetivo de adequar a distribuição de renda, diminuir o desemprego, dinamizar a reforma agrária, entre outras intervenções emergenciais. (SILVA et al, 2010).

No levantamento das hortas rurbanas na capital do estado de São Paulo, foi possível identificar que a organização e manutenção é feita por moradores dos bairros próximos de forma voluntária. Embora organizados, não há uma estrutura hierárquica determinada, o que possibilita que cada um e todos possam colaborar efetivamente, dentro das próprias habilidades potenciais, e no momento em que houver disponibilidade de tempo ou de vontade própria.

O caso do Shopping Eldorado [Ver Figura 4] é diferente porque está inserido dentro de um espaço privado, no telhado do edifício comercial. O objetivo inicial era diminuir a quantidade de lixo orgânico dos restaurantes da praça de alimentação, só que a partir da produção de compostagem foi criada a horta rurba cuo produto é distribuído entre os funcionários do shopping.



Figura 4: Telhado Verde do Shopping Eldorado (Foto: Eldorado)

O tema das hortas rurbanas e sua importância para os moradores das grandes cidades foi estudado por Petrescu et al (2016). [Ver Figura 5]. O espaço com três mil metros quadrados abriga um edifício construído ecologicamente, em 2013, com área útil de 150 m² onde acontece uma feira de vegetais, legumes e frutas. Além disso, no local também funciona uma estufa, uma cafeteria comunitária, uma cantina, e são realizadas oficinas educacionais e culturais. A mini-fazenda experimental permite o cultivo de vegetais e legumes, além de possuir um apiário, um galinheiro e um centro de

compostagem (reciclagem de resíduos orgânicos). Três comunidades (mais de 400 cidadãos) participam da organização cuja estrutura é híbrida: Agrocite, Ecole de Compost e AMAP. O terreno que pertence ao governo municipal foi cedido por um período de 10 anos. Através da colaboração participativa foram instalados sistemas ecológicos integrados nas diversas construções que funcionam no local: sistema de aquecimento ecológico, compostagem com minhocas, banheiro ecológico, sistema hidropônico para o plantio, sistema de reciclagem de água, eco-construção com reaproveitamento de materiais, reuso de janelas, cercas e revestimentos internos.



Figura 5: Horta e mercado na França (Foto: AAA, 2014)

A questão da melhoria da qualidade de vida nas grandes cidades ganhou destaque mundialmente a partir do documento das Nações Unidas (2012), “Povos Resilientes, Planeta Resiliente”, que indicava alternativas para um futuro digno de escolha a partir de um desenvolvimento com sustentabilidade. Assim o discurso de resiliência foi adotado pelas instituições de pesquisa e políticas, com destaque para os verbos adaptar e mitigar. E quem melhor do que produtor rural/agricultor para compreender a resiliência?

Resiliência é a capacidade de um sistema sócio-ecológico tem para absorver ou suportar perturbações e modificações, de tal forma que o sistema permaneça dentro do mesmo regime, mantendo essencialmente a estrutura e funções. Apesar dos distúrbios

sofridos o sistema é capaz de auto-organização, aprendizagem e adaptação (HOLLING, 1973). Na Física, resiliência trata da capacidade que um material tem de suportar grandes impactos, absorver a energia e depois poder voltar ao formato original. Psicologicamente, ser resiliente é saber lidar com as adversidades, e transformar uma experiência negativa em aprendizado positivo.

Saber Popular: polifonia encantada que cura a alma

O que distingue uma colcha de retalhos tecida artesanalmente, de outra produzida industrialmente, é a delicadeza da imperfeição dos milhares de pontos de costura e das dezenas de pedaços de panos coloridos que se juntam num único e exclusivo desenho final. A sensação de proteção que a colcha passa para quem a utiliza vem da ternura das mãos que a teceram, como um abraço que envolve, aquece e protege na medida certa. É desta mesma maneira que vem sendo elaborada a tessitura intelectual desenvolvida pelos pesquisadores da Rede Folkcom, desde meados do século XX. São importantes quadros metodológicos, inter e transdisciplinares, (HOHLFELDT, 2003; SCHMIDT, 2004; MARQUES DE MELO, 2005; GOBBI, 2012;) – disponibilizados em portais acadêmicos para que docentes e discentes possam, através da Internet, baixar sem custo, – que elucidam, orientam e iluminam o caminhar dos novos pesquisadores, que por sua vez estão a atualizar o pensamento folkcomunicacional ao apresentar investigações de um variado leque de fenômenos sócio, econômico, político e cultural, provenientes das manifestações orais e escritas da cultura popular que são processadas e adaptadas para e pela produção midiática.

O saber popular oral e a experiência prática dos agentes do campo que conhecem os segredos de cultivar a terra, tanto no campo como na cidade, são a expressão da comunicação ‘folkcomunicacional’, de quem vive a vida na periferia e adquire no convívio com a natureza o conhecimento necessário para produzir o alimento para a própria subsistência. É a estratégia e o mecanismo do saber popular, vivenciado e comunicado oralmente através do agente folkcomunicacional que vive no interior, longe das cidades, sendo apropriado e utilizado no discurso da elite urbana, como ferramenta

para difusão de políticas públicas em prol da melhoria da qualidade de vida, exercício de cidadania e inclusão social do cidadão. Assim como o Carnaval, Festa de São João, entre outras manifestações folclóricas culturais que foram apropriadas pela mídia hegemônica como instrumentos de marketing, produtos midiáticos, e até como projetos educacionais e de responsabilidade social, o saber popular do agricultor tornou-se fonte literária para a escrita de cartilhas que promovem a valorização da alimentação natural e da vida saudável nos grandes centros urbanos.

O processo de comunicação desenvolvido por esse agente social para transmitir valores, sentimentos e rotinas foi passado oralmente, através das gerações, e é nessa simplicidade polifônica que reside o encanto do saber popular, diferente da cacofonia do discurso hegemônico que reina na área urbana.

Ao analisar as formas colaborativas de governança que estão dispostas na organização e manutenção de uma horta rurbana é possível visualizar o tênue viés de um processo de resiliência em evolução ou transformação, como um sentimento genético adormecido no DNA humano, desde os primórdios do planeta quando a terra era de todos, e plantar era uma atividade lúdica. Recuperar o sentimento do bem comum através da co-produção, que é uma estratégia de resiliência, pois permite a inclusão de todos, independente das habilidades criativas e capacidades intelectuais. Mudamos para melhor, quando mudamos juntos, acrescentando o que nos foi doado e doando o que nos é solicitado.

BELTRÃO (2004) identificou em suas pesquisas as estratégias de governança coletiva e economia circular desenvolvidas pelo homem do campo, e que hoje são estudadas a partir de teorias de práticas sociais e de co-produção. Na verdade, o processo de co-produção entre o organizador da horta rurbana e o agricultor que transmite o conhecimento sobre o cultivo da terra, é um processo folkcomunicacional. O conhecimento do tempo de semear, plantar e colher está nas lições passadas oralmente pelo ‘semeador do campo’, e hoje transformadas em cartilhas elaboradas pelos institutos governamentais para as oficinas ambientais, como parte do processo de implantação de políticas ambientais.

Independente do cunho político envolvido na prática social do cultivo da terra nos pequenos espaços urbanos das calçadas e muros das grandes cidades, a pesquisa



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

permite considerar que a participação do agente social na organização e manutenção de uma horta urbana produz uma re-significação cultural, uma lição de resiliência cívica colaborativa, através de um processo de compreensão folkcomunicacional que em plena era digital oferece as pistas para a embricação do telúrico passado do homem das cavernas com o futuro tecnológico nas estrelas. 😊

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.
- FIGUEIREDO, Adma Hamam (org.) **Brasil: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI**. RJ: IBGE, Coordenação de Geografia, 2016, 435 p.
- FREYRE, G. **Rurbanização: o que é?** Recife: Ed. Massangana, 1982.
- GALPIN, Charles Josiah. **Rural Life**. New York: The Century Co, 1918.
- GOBBI, M. C. Gêneros e formatos: a web como Espaço legitimado da Folkcomunicação. In: **ANAIS** da XV Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Festas juninas na era digital: da roça à rede), Campina Grande: PB, junho de 2012.
- HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. In: **GEOgraphia**, Ano1 – No 1 – 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia> Acesso em: 02 abril 2017
- HOHLFELDT, A. Novas Tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. In: **PCLA**, v. 4, n. 2, jan-mar/2003.
- HOLLING, C. S. 1973. Resilience and stability of ecological systems. In: **Annu Rev Ecol Syst** 4:1-23, 1973.
- LERNER, J. Comunidades Rurbanas: uma reforma agrária viável. In: **Expresso**, House Organ, Prefeitura Curitiba, nº 8, out. 1980.
- MARQUES DE MELO, J. Taxionomia da Folkcomunicação: gêneros, formatos e tipos. In: **ANAIS** do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro: INTERCOM/UERJ, setembro de 2005.
- Painel de Alto Nível do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global. **Povos Resilientes, Planeta Resiliente: um Futuro Digno de Escolha**. Nova York: Nações Unidas, 2012.
- PETRESCU, D.; PETCOU, C.; BAIBARAC, C. Co-producing commons-based resilience: lessons from R-Urban. In: **Building Research & Information**, 44:7, 2016. p. 717-736.



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

SCHMIDT, Cristina Folkcomunicação: uma metodologia participante e transdisciplinar. In: **Revista Internacional de Folkcomunicação**, nº 3, 2004, SP: Cátedra Unesco/UMESP. 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, p.1-8.

SILVA, José Graziano da; DEL GROSSI, Mauro Eduardo; DE FRANÇA, Caio Galvão. (orgs.). (2010) **Fome Zero: A experiência brasileira**. Brasília : MDA, 2010.

VELTZ, P. Zonas, polos, redes: la economia de archipiélago. In: **Mundialización, Ciudades y Territorios**. Barcelona: Ariel, 1999. p. 53-65